



O FUTEBOL NO JORNAL DAS MOÇAS: AS APROXIMAÇÕES E OS DISTANCIAMENTOS DAS MULHERES

THE SOCCER ON THE JORNAL DAS MOÇAS:
WOMEN'S APPROACHES AND DISTANCES

EL FÚTBOL EN EL JORNAL DAS MOÇAS:
LAS APROXIMACIONES Y LOS DISTANCIAMIENTOS DE LAS MUJERES

Alice Francisco Freitas

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
Email: alice.19freitas@gmail.com

Bruna Letícia de Borba

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
Email: brunabufsc@gmail.com

Sara Fantin Ribeiro

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
Email: sarafantin.engel@gmail.com

Carolina Fernandes da Silva

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
Email: carolina.f.s@ufsc.br

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo identificar as representações das relações entre as mulheres e o futebol veiculadas no Jornal das Moças de 1941 a 1965, período em que vigorou o Art. 54 do Decreto-Lei 3.199/1941, o qual delimitava as práticas esportivas às mulheres. Para tanto, foi realizada uma coleta de informações no Jornal das Moças, periódico direcionado às mulheres. As reportagens foram interpretadas a partir da técnica de análise documental. O Jornal das Moças, que era produzido por homens, foi uma ferramenta de afastamento das mulheres do futebol e, também, normatizar comportamentos, com reportagens apoiadas no discurso médico, o qual atribuía a tal prática danos irreversíveis aos órgãos reprodutores femininos, bem como à feminilidade. Entretanto, as mulheres encontraram no papel de espectadoras e telespectadoras uma forma de participar do meio futebolístico; devido a esta aproximação, há vestígios de que houve a necessidade de um novo decreto para salientar tal afastamento feminino.

Palavras-chave: Futebol; Mulheres; História do Esporte.

ABSTRACT

The present study aims to identify the representations of the relationships between women and soccer published in the Jornal das Moças from 1941 to 1965, during the period of the Art. 54 of Decree-Law 3,199/1941, which delimited women sports practices. For that, a collection of information was carried out on the Jornal das Moças, a periodical directed to women. The reports were interpreted using the technique of documentary analysis. The Jornal de Moças, which was produced by men, was a tool to remove women from soccer and to regulate behaviors, with reports based on medical discourse, which attributed to this practice irreversible damage to the female reproductive organs as well as femininity. Although, women were in the role of spectators and viewers to participate in the soccer field; because of this contact, there are vestiges that there was a need for a new decree to highlight such female distance.



Keywords: Soccer; Women; History of Sport.

RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo identificar las representaciones de las relaciones entre las mujeres y el fútbol vehiculadas en el Periódico de las Mujeres de 1941 a 1965, período en que se aplicó el Art. 54 del Decreto-Ley 3.199/1941, el cual delimitaba las prácticas deportivas a las mujeres. Para ello, se realizó una recolección de informaciones en el *Jornal das Moças*, periódico dirigido a las mujeres. Los reportajes se interpretaron a partir de la técnica de análisis documental. El *Diario de las Mujeres Jóvenes*, fue una herramienta de alejamiento de las mujeres del fútbol y normalizar comportamientos, con reportajes apoyados en el discurso médico. En el caso de las mujeres, se encontraban en el papel de espectadores una manera de participar en el medio futbolístico; debido a este contacto aproximado, hay vestigios que hubo la necesidad de un nuevo decreto para subrayar tal alejamiento femenino.

Palabras clave: Fútbol; Mujer; Historia del Deporte.

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, a presença das mulheres no futebol configura-se como um espaço de luta pela igualdade entre os sexos. Segundo Goellner e Kessler (2018), a falta de campeonatos, espaço em mídias, assim como o pouco investimento para a prática pelas meninas no espaço escolar, apontam o quanto o esporte está sub-representado no Brasil. No entanto, este não é um fenômeno recente. Em 1941, foi promulgada a primeira legislação que visava organizar o esporte no Brasil, o Decreto-Lei 3.199/1941, no qual as mulheres receberam especial atenção no Art. 54, que buscava regular suas práticas esportivas. Diante disso, representações da relação das mulheres com essas práticas, principalmente as com características violentas, foram produzidas e reproduzidas culturalmente, tendo os jornais como uma ferramenta eficaz.

De acordo com Pesavento (2008), as representações são matrizes geradoras de condutas e práticas, formas de construção da realidade e se manifestam por normas, instituições, discursos, imagens e ritos. Ao se lançar um olhar sobre as mulheres no futebol, pode-se destacar um distanciamento historicamente estabelecido. Segundo Franzini (2005), é perceptível até os dias de hoje que o futebol é um espaço socioculturalmente caracterizado pela predominância masculina.

Tais representações socioculturais são encontradas nos jornais, pois “a ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tão

pouco se dissociam do público que o jornal ou a revista pretende atingir.” (JANOTTI, 2008, p. 19). Conforme Buitoni (2009, p. 14), os jornais/revistas ditos femininos são poderoso elemento na construção da identidade da mulher. Cabe destacar que, para este estudo, o termo jornal feminino configura-se como uma classificação utilizada pela imprensa para categorizar jornais/revistas voltados para as mulheres. Assim, para analisar as relações estabelecidas entre as mulheres e o futebol após o Decreto-Lei 3.199/1941, foi eleito um jornal elaborado para leitoras, o *Jornal das Moças*, em circulação no período de 1914 e 1965.

De acordo aos registros editoriais, o jornal era intitulado como a “revista da mulher no lar e na sociedade.” (SPAVIÈR, 7/01/1960, p.14). Com publicação semanal, na cidade do Rio de Janeiro, era distribuído em vários estados do Brasil, nas capitais e em algumas cidades do interior, cujo alcance da distribuição pode ser confirmado em alguns textos publicados na própria revista. A edição era feita pela “Empreza *Jornal das Moças – Menezes, Filho & C. Ltda*” (EXPEDIENTE..., 4/01/1940, p. 4) com direção de Álvaro Menezes e Agostinho Menezes.

Tendo em vista que o *Jornal das Moças* era dirigido por homens, neste estudo interpreta-se essa fonte de acordo com a perspectiva de Bourdieu (2012) e o conceito de sistema de oposição masculino e feminino apresentado pelo autor, a partir do “fato de que é o princípio de visão social que constrói a diferença anatômica e que é esta diferença socialmente construída que



se torna fundamento e a caução aparentemente natural da visão social.” (BOURDIEU, 2012, p. 12).

Perante esse cenário, a presente pesquisa tem como objetivo identificar as representações das relações entre mulheres e o futebol veiculadas no Jornal das Moças no período de 1941 a 1965, quando estabeleceu-se o Art. 54 do Decreto-Lei 3.199/1941 e houve a deliberação do Conselho Nacional de Desportos (CND) em 1965, determinando a proibição da prática do futebol pelas mulheres.

Visto que “em uma época de importantes avanços, as diferenças entre homens e mulheres continuam sendo traduzidas em desigualdades e, muitas vezes, em culpa, preconceito e violência” (PINSKY, 2014, p. 9), esta pesquisa busca contribuir para os estudos históricos voltados para a compreensão de como ocorreu, ao longo do tempo, a inserção das mulheres nos esportes, seja de presença majoritariamente masculina ou não.

METODOLOGIA

De acordo com Ricoeur (1968), o método histórico só pode ser um método inexato, pois, na História, a objetividade se dissolve quando não é possível reviver, apenas reconstruir diante a distância e a profundidade da lônjura histórica. Com este pensamento, iniciamos a descrição dos caminhos escolhidos para a organização, de maneira a produzir sentido, dos traços e indícios do passado, método comparado a um quebra-cabeça por Pesavento (2008).

Para a realização deste estudo, foi eleito o Jornal das Moças como a principal fonte de informações do período demarcado. A composição deste *corpus* documental teve como princípio as reportagens que faziam referência ao futebol.

Foram encontradas no Jornal, em todo o seu período de publicação (1914-1965), 524 reportagens contendo o termo futebol. Dentre essas, 343 reportagens foram arquivadas em acervo pessoal, tal redução se justifica pelo fato de terem sido descartadas as reportagens

repetidas. Além destas, também foram excluídas reportagens de cunho meramente informativo de variadas temáticas como, por exemplo, notícias sobre a Seleção Brasileira Masculina de Futebol, sobre os clubes, sobre jogos, sobre gostos futebolísticos de artistas, sobre programas televisivos, bem como fontes de entretenimento como bordados de futebol, charadas e provérbios.

A partir disso, as reportagens selecionadas foram organizadas nas seguintes categorias: contos (53), piadas (30), conselhos (9), entrevistas (71), rádio (39), evangelho (2), televisão (22), propagandas (11), notícias (104) e músicas (2). Tais categorias foram organizadas a partir do assunto oriundo de cada texto.

Dentro de todo o escopo documental, 326 reportagens fazem parte do período deste estudo (1941-1965), no entanto, analisou-se duas reportagens que o antecedem, pois foram consideradas relevantes para contextualização do processo de estabelecimento da lei.

Após essa primeira triagem e a pré-análise das fontes, 18 reportagens foram selecionadas, dentre as quais, destacou-se nove para o desenvolvimento deste estudo. A escolha se deu uma vez que tais reportagens continham mais elementos para a discussão. Além disto, levou-se em consideração que um maior número de fontes pode tornar a análise superficial.

Essas fontes foram analisadas a partir da técnica de análise documental (BARROS, 2012), a qual indica primeiramente a análise de adequação das informações com o problema formulado, para então verificar a homogeneidade destas em relação ao tema e, enfim, a desconfiança sobre as mesmas. Visto que parte-se do pensamento que a fonte não é neutra, tem origem em um ponto de vista, no qual deve-se esmiuçar as entrelinhas e subjetividades advindas deste lugar (BARROS, 2012). Desta maneira, o Jornal das Moças foi analisado como um espaço de elaboração de narrativas construídas por elementos da sociedade que visavam ser ouvidos/lidos por mulheres o que Certeau (1982) denomina como um lugar de produção, que “é em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma



topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam.” (CERTEAU, 1982, p. 56).

RESULTADOS

O Futebol e as Mulheres no Jornal das Moças: o período que antecede 1941

As notícias sobre o futebol no Jornal das Moças começaram em de 1916, mas é na década de 1930 que o volume jornalístico aumenta. Possivelmente, isso esteja relacionado às diversas mudanças que começavam a ocorrer no cenário social, dentre essas, a possibilidade das mulheres ingressarem no mercado de trabalho. Anteriormente a este período, o trabalho exercido pela mulher era visto como um ato de ajuda ao marido, e não construtivo de uma independência financeira ou para acúmulo de capital. Além disso, cabe destacar que este trabalho deveria ter o consentimento do marido, regulamentado no Art.242, números VII e VIII, do Código Civil de 1916. (BRASIL, 1916).

O trabalho aberto às mulheres foi, primeiramente, junto às fábricas têxteis, depois, com a ocasião de movimentos modernistas, foram oferecidos empregos em áreas como as artes, literatura, ciência, jornalismo e em profissões mais liberais. (COELHO, 2017). Paralelamente, a mulher passou a ser considerada cidadã e ter o direito a votar e ser votada a partir de 1932. (ALMEIDA, 2008).

Com tais transformações socioculturais relativas ao papel da mulher, o cenário esportivo também foi afetado, como pode-se observar através da música *Samba de Hoje*, de Jota Machado – compositor de samba-canção da época (MATOS, 2013), publicada no Jornal das Moças (MOÇAS DE HOJE, 9/07/1931, p. 39), a qual indica uma aproximação das mulheres com o futebol.

Estribilho

As moças de hoje

São mais interessantes

De saias compridas

Ficam mais elegantes

As moças mais modernas

Usam boinas ao tiracolo

Todas sabem jogar tênis
E até mesmo o futebol
Tipos de americanas
Não há quem as resista
Formaram na revolução
Um batalhão feminista (MOÇAS DE HOJE, 9/07/1931, p. 39).

É possível assumir que o samba foi um dos elementos culturais que apresenta representações da mulher brasileira desse período. A fonte expressa que existia a possibilidade de aproximação da mulher metropolitana e moderna com a prática esportiva futebolística. Segundo Almeida (2008), o Brasil neste período seguia um modelo de metrópole americana. Portanto, as mulheres, assim como os demais participantes sociais, eram investidas, através dos discursos, a seguir tal modelo das mulheres americanas, vistas nas revistas e modernizar-se.

Tal ideia de modernização, até os dias atuais, está rodeada de grandes discussões. (TOTA, 2000). Segundo o referido autor, ao analisar sambas brasileiros de 1933, pode-se perceber a crítica ao movimento de estrangeirismo que se instaurava no Brasil, em que de um lado via-se uma americanização e, de outro, o afrancesamento, que já estava em declínio. Além disso, o autor salienta que o país era visto como um grande parceiro dos Estados Unidos e americaniza-lo por meios tranquilos era um caminho. Com este movimento em crescente, percebe-se um mercado abrindo-se, segundo Santos (1997, p. 8),

As novas modas traziam a marca da origem norte-americana. [...] A crescente hegemonia norte-americana no mundo do pós-guerra traz consigo um conjunto de novos sinalizadores de modernidade – automóveis, filmes, cosméticos, discos, máquinas de escrever, fonógrafos e aparelhos de barbear – que passam a competir com aqueles vindos da literatura, das artes e da arquitetura européias. (sic).

Observando o Jornal das Moças ao longo dos anos, é possível perceber traços dessa americanização e de novas representações de moda e esporte, assim como da mulher dos dias atuais, ou seja, a nova mulher da metrópole deveria se portar e estar de acordo com esse novo modelo. Segundo Bonadio (2000), mais que



novas cores e cortes de roupas, a publicidade comercializa uma nova imagem para as mulheres. E o futebol, assim como outros esportes, considerados espaços masculinos, refletia um movimento de conquista, construindo, possivelmente, a partir destes diálogos, um estereótipo da mulher moderna brasileira.

Esse movimento de conquista, apresentado pelo autor e salientado na sentença, formaram um batalhão feminista, refletindo às tendências da época em que, segundo Costa (2005), os primeiros movimentos feministas no Brasil começaram a atuar a partir da década 1920. Tais manifestações tinham, inicialmente, a conotação conservadora no quesito de divisão sexual, ou seja, o movimento acreditava na divisão sexual e o reforçava. Neste sentido, as reportagens observadas no *Jornal das Moças* não tratam apenas do ponto de vista de seu autor nominal, mas refletem o contexto social no qual está inserido. (BARROS, 2012).

Embora estivesse estimulado através das reportagens um modelo de modernização, a organização familiar e social da época estava pautada no patriarcado acentuado lusitano (ALMEIDA, 2008), ou seja, era o homem, enquanto pai e esposo, que regulava o procedimento de vida de todos ao seu redor, inclusive da mulher. Logo, essa imagem de modernidade, transferida em discurso às mulheres não tinham repercussão positiva na organização familiar da época.

A partir desta organização, as tarefas domésticas eram designadas às mulheres, direcionando suas energias e preocupações ao lar. Essas tarefas eram as mais inúmeras, tais como: polir, limpar, definir os chás da tarde, governar o lar, o orçamento diário, além dessas obrigações, a mulher também era responsável pelo controle dos apegos e das emoções. (ALMEIDA, 2008). O jornal mostra a normatização desse papel através desta propaganda de produto de limpeza: “Em qualquer parte onde haja sol, Ou a chuva caia, Seja num campo de futebol, Seja na praia, Seja nas ruas da cidade, Indo a passeio, Mulher de boa sociedade, Nunca faz feio...” (NA CIDADE,

NO CAMPO... 25/01/1934, p. 18). A responsabilidade da mulher quanto a limpeza de todos os lugares, inclusive no meio esportivo do futebol, pode-se dizer que está vinculado a uma organização estética. Além disso, o controle das emoções estava relacionado ao estereótipo de que a mulher por natureza tinha em seu interior histerias, emoções exageradas, descontroladas as quais deveria deter controle de forma a não expressá-las perante os homens.

Todas essas designações sociais, além de reafirmadas cotidianamente no convívio social e nas reportagens, estavam pautadas em lei. O Código Civil de 1916 (BRASIL, 1916), descreve em capítulos as tarefas, funções sociais, direitos e deveres, tanto de homens como de mulheres, além de seus efeitos perante o casamento.

Este mesmo Código Civil reafirmava valores conservadores e tradicionais, essencialmente no vínculo familiar e nos poderes do casamento. Tais poderes requeriam a permissão do marido para com a vontade da mulher. Com isso, o divórcio não era permitido, o Pátrio Poder e o sexo masculino possuíam a autoridade perante a lei, e a desobediência da mulher e sua impunidade acarretavam em sérias consequências judiciais. (COELHO, 2017).

Portanto, embora a mulher da década de 1930 tenha conquistado alguns direitos, como já citado anteriormente, existiam outras vias políticas que corroboram o patriarcado, que reforçava um padrão da mulher do lar e fortalecia ideais conservadores que valorizavam a imagem da mulher como um anjo da guarda da família. Ela devia saber costurar, bordar e cozinhar, mostrar-se cândida e obediente diante da autoridade masculina, alguém que certamente era ou seria uma mãe mimosa e fiel (SANT’ANNA, 2014). Observa-se ainda a ambiguidade em relação às leis, que por um lado permitia novos espaços à mulher, mas por outro, a prendia em seu lar. Assim, os papéis sociais mandatórios por lei conferiam um protagonismo secundário às mulheres. A participação da mulher na construção histórica dos esportes seguiu estes mesmos moldes, de acordo com Mazo, Silva e Lyra (2010).



No futebol feminino, as reportagens do jornal demonstram que as primeiras aproximações iniciaram na década de 1930. Segundo Goellner e Kessler (2018, p. 34): “O futebol praticado por mulheres desconstruiu essa representação, na medida em que desafiou a tradicional subordinação presente na sociedade brasileira nos anos inaugurais do século XX”, mas com o decorrer de mudanças sociais, de novos papéis desempenhados pelas mulheres, os espaços ocupados por elas e sua liberdade, começava a fazer afronta aos costumes da época.

O Futebol e as mulheres no Jornal das Moças: relações com o Decreto-Lei de 1941

O futebol no Brasil durante as décadas de 1930 e 1940 ganhou bastante destaque no governo de Getúlio Vargas; o então presidente empregou numerosos esforços para a administração da modalidade no país, o que acarretou na aceleração do profissionalismo da modalidade, resultando em modernizações. (GUTERMAN, 2010, p.72). Além disso, o esporte foi ganhando espaço conforme a Seleção Brasileira masculina conquistava suas primeiras vitórias. Segundo Guterman, (2010), o futebol era visto como um meio das aspirações nacionais e do perfil do brasileiro.

Entretanto, segundo Goellner e Kessler (2018), o país, embora ganhando ares modernizadores, convivia com a fomentação dos discursos sobre a moral e bons costumes. Diante disso, a aproximação feminina não foi bem vista pelas esferas mais conservadoras do Brasil, que emitiram uma carta ao presidente Getúlio Vargas questionando a prática esportiva feminina (FRANZINI, 2005). Tal movimento de inserção feminina em âmbitos antes ditos masculinos acarretaram novas legislações impeditivas da prática deste esporte, respaldadas por justificativas médicas, higienistas e biológicas. A primeira legislação voltada para regulamentar os esportes no Brasil destacava um dos seus artigos para normatizar as práticas esportivas para mulheres, o Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, com o Art. 54, o qual determinava: “As mulheres não se permitirá a prática de desportos

incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.

Para o surgimento de um Decreto-Lei, o contexto em que esse se encontra fornece os elementos necessários para a sua elaboração. Dentre esses, estavam as representações da mulher enquanto mãe geradora do futuro, “O papel social de (boa) mãe, [...], foi se construindo no imaginário brasileiro desde os remotos tempos da colonização.” (ALMEIDA, 2008, p. 205). No Brasil, a sociedade se estruturava culturalmente a partir das normas da religião, até o século VIII e, posteriormente, a partir do século XIX, a Medicina, determinava as possibilidades corporais dos elementos da Nação, como as características da mãe ideal, “este modo, urdia-se uma teia de discursos sobre a mulher em que se enfatizava sua principal função: a de procriação.” (ALMEIDA, 2008, p. 61).

Tal argumento era utilizado para o afastamento das mulheres do futebol, pois a função feminina era procriar, restringindo as práticas esportivas consideradas prejudiciais aos órgãos reprodutores. Segundo Franzini (2015), “preocupavam-se com os ‘riscos’ que o futebol poderia causar ao ‘frágil’ organismo feminino, principalmente com a possibilidade de afetar sua capacidade reprodutiva.”

Observa-se que esta narrativa biológica sobre reprodução estava atrelada ao papel da mulher como mãe e educadora em duas reportagens no Jornal das Moças (EVANGELHO, 23/02/1950; EVANGELHO, 18/06/1959). Estas apresentavam conselhos em relação à prática do futebol, tais como: “Já foi êle condenado até a idade de 18 anos por determinar, em geral, hipertrofia e dilatação cardíaca [...]”. (sic). (EVANGELHO, 18/06/1959, p. 20). Na argumentação desse texto ainda foi acrescentado que “A educação física deve ser [...] o pretexto para, [...] melhorar as qualidades morais e sociais. [...] Não visando esse alvo, ela desenvolve nos indivíduos o ‘instinto da agressividade’” (EVANGELHO, 18/06/1959, p. 20).

Posteriormente, a narrativa retorna ao tópico futebol e afirma: “O futebol é condenado na



infância e adolescência. Mas existem outros jogos permitidos, atraentes, como o tênis, a peteca, o voleibol e o ping-pong. (EVANGELHO, 18/06/1959, p. 20).

Estas reportagens além de trazerem relações das mulheres e a prática esportiva, também retratam argumentos para evitar a prática não somente de mulheres, mas de crianças, trazendo representação do futebol naquele período, como benefícios e malefícios. A mesma nos apresenta possíveis vestígios dos motivos que levaram a criação de leis que proibissem a prática do futebol feminino, retratando-o como agressivo, animalesco, perigoso e, portanto, considerada impertinente a prática.

Estes textos poderiam alimentar o imaginário do período, fortalecendo o afastamento das mulheres a tais práticas, e fazendo-as acatar as seções Evangelho, sugerindo-as outros exercícios que não afetassem sua feminilidade, como a própria fonte sugere: “Exercícios ‘curtos, energéticos, intercalados de frequentes pausas de repouso’, são aconselháveis.” (EVANGELHO, 18/06/1959, p. 20).

Segundo Goellner e Kessler (2018), esta era uma representação normatizada, em que se tinha o temor da possível masculinização da mulher e conseqüentemente a perda de sua feminilidade. A feminilidade é uma construção histórica, que agrega discursos, valores e práticas, marcam essa construção do feminino, e definem também posições sociais. (GOELNNER; KESSLER, 2018, p.34).

A construção de um padrão perpassa todos os setores sociais e, com a chegada da televisão, essa também tem suas segmentações. Com isso, o Jornal das Moças lança a coluna Tele-Fatos, buscando exemplificar os programas televisivos e o público alvo para cada programa, isto é, apresenta uma segregação e destinação de alguns programas aos telespectadores. Como esse objetivo, seguem alguns exemplos de indicação da coluna:

PARA ADULTOS – (ambos os sexos – várias idades) O Grande Teatro, da Tupi – Não durma no Pon – (para homens) **Esportivos** – Futebol e Box. (Para

homens) **Políticos** – Congresso em Revista.

(Para mulheres) Novelas. (TELE-FATOS, 21/12/1959, p. 48).

Nesse período tem início um movimento para que se compreenda que existiam práticas destinadas apenas os homens e outras, diferentes, às mulheres. Definindo-se representações de masculino e feminino, segundo Mendes, Silva Junior e Anjos (2016, p. 158): “[...] o vínculo do futebol com a masculinidade hegemônica é algo apresentado aos homens desde sua infância. As meninas [...] tal vínculo também é exposto desde cedo, a partir da constante afirmação de que esse não é espaço no qual elas são bem vindas”.

A masculinidade hegemônica apresentada pelos autores trata da cultura atrelada aos homens, a qual utiliza adjetivos como: virilidade, brutalidade, coragem, bravura, competitividade e afins, que neste caso, está diretamente relacionada com a prática do futebol. Ao mesmo tempo em que esta masculinidade foi reforçada nas reportagens, representações sobre as mulheres e sua feminilidade também foram construídas. Nas reportagens acima se pode observar um padrão esperado por elas: o seu afastamento do futebol, como desconhecido, como inapropriado, conseqüentemente não praticado e a aproximação de práticas consideradas leves, suaves e sem excessos.

Mais um exemplo desta sentença era a publicação do quadro intitulado “Para as Noivas e Esposas”, que divulgou uma reportagem que afirmava que “Os homens não gostam de mulheres ciumentas” (PARA AS NOIVAS E ESPOSAS, 31/10/1957, p. 12), propondo uma enquete ao final para diagnosticar se a mulher era ou não ciumenta. Nesse texto, destaca-se a seguinte sentença: “Suporta com paciência vê-lo falando durante algum tempo com os amigos sobre **assuntos que você desconhece**: esporte, automobilismo, **futebol**, bridge, caça?” (PARA AS NOIVAS E ESPOSAS, 31/10/1957, p. 12, grifos nossos).

Além desta reportagem, foi encontrado um conto publicado por um escritor, Victor Costa (9/02/1939), no qual ele expõe - ao mesmo tempo em que busca instaurar - um imaginário



masculino sobre o afastamento das mulheres com o futebol a partir da representação de desconhecimento, em um diálogo entre um homem e uma mulher, onde ele a acusa de ignorância quanto ao universo que envolve a prática, bem como o ideário da mulher que admite não ter aproximação:

ELE –...e toma-se banho com futebol!

[...] Você não entende nada de bola.

ELA – Nem quero entender. Bolas, bolas para tanto futebol.

[...]

ELA – Antônio, você, positivamente, ficou louco. O que é que você está falando que eu não entendo nada?

ELE – Você não entende, porque não conhece futebol. (VICTOR, 9/02/1939, p. 32).

Diante desses indícios, é possível perceber que o Decreto-Lei nº 3.199 de 1941, especificamente o Art. 54, acarretou manifestações de negação do espaço futebolístico para as mulheres. Estas fontes discursam sobre o entendimento e pertencimento das mulheres ao lugar de não conhecedoras do futebol. Entretanto, Simone de Beauvoir (1949) discorre sobre a submissão, a sujeição às leis ou a fatos sociais, ao expor a crença de que esse papel secundário das mulheres não é de total responsabilidade apenas de quem impõe ou cria as regras, mas também responsabilidade de quem acarreta tais leis ou fatos, o submisso tem papel fundamental nesta relação. Assim, para as mulheres, a prática do futebol era proibida pela legislação e recriminada pela imprensa, em vista disto foram encontrados vestígios de sua inserção no cenário por outras vias.

O Futebol e as Mulheres no Jornal das Moças: a participação como espectadoras

Diante dos desafios socioculturais para aproximação e envolvimento com o futebol, as mulheres buscaram estratégias para fazer parte dessa prática esportiva que ganhava espaço no Brasil. Os estudos de Pisani (2014) e Goellner (2005) afirmam que as mulheres até poderiam participar, mas eram retratadas como espectadoras, a fim de trazer beleza e charme

para as arquibancadas e manter a preservação da sua saúde reprodutiva. Desta maneira, eram colocadas à margem da construção histórica do futebol brasileiro.

As influências europeias e norte-americanas no Brasil atravessaram inúmeras esferas, tanto intelectual quanto econômica ou social e, assim, modificaram o cenário brasileiro e, consequentemente, do futebol. De acordo com Albino (2012), o impulso de modernização do início do século XX, trouxe o embelezamento como o novo sonho das/os brasileiras/os. O mesmo autor ainda ressalta que a feminilidade era o principal meio de expressar esta urbanização.

A partir disso, conseguimos visualizar que o embelezamento nesse período fora muito importante e esboçado como principal meio de expressão feminina. Conforme Del Priore (2015, p. 243), “o encontro dos sexos em ocasiões esportivas era, sem dúvida, signo de mudança nas relações sociais”. A autora destaca que os eventos esportivos eram oportunidade de encontros amorosos, para escolher um bom partido e para namorar. Diante disso, o imaginário em torno da presença da mulher no espetáculo era, também, de atrativo para os homens.

De acordo com Mendes, Silva Junior e Anjos (2016, p. 162),

Se a prática do futebol pelas mulheres era bastante contestada nos primórdios da modalidade no país, o mesmo não ocorreu com relação à sua participação nas arquibancadas [...]. Essa participação feminina, assim, era legitimada precisamente a partir da existência de um homem a quem acompanhava. Além disso, a valorização de sua presença não ocorria pelo reconhecimento de seu apoio como torcedoras, mas sim a partir do entendimento de que sua graciosidade embelezava os estádios.

O Jornal das Moças registrou em suas páginas o estímulo a essa forma de participação através da assistência aos jogos. Para tanto, utilizou figuras de mulheres famosas da época e, apesar da representação de mulher moderna atrelada às atrizes, destacou que elas não abandonavam os benefícios de ser uma dona-de-



casa, como mostra o seguinte fragmento sobre a atriz do período, Fada Santoro: “Como dona de casa também é encantadora. [...] Pretende a nossa “melhor atriz” viajar brevemente. De uma coisa está certa: não perderá o Campeonato Mundial de Futebol de 1954, a realizar-se na Suíça.” (SUZY, 30/08/1951, p. 9). Nesta reportagem a famosa entrevistada era a atriz Mafalda Basílio Santoro, com nome artístico Fada Santoro, foi considerada uma grande atriz do período com um total de 21 filmes (PRÓ-TV, 1995).

O Campeonato Mundial de Futebol de 1954 foi o primeiro a ser reprisado na televisão brasileira, marco histórico e um novo meio pelo qual os brasileiros poderiam acompanhar o esporte. Com essa nova possibilidade, as mulheres puderam se aproximar do futebol como telespectadoras. Tais indícios demonstram que nas páginas do Jornal das Moças estavam presentes normativas comportamentais para as mulheres quanto ao seu papel no cenário futebolístico, a participação limitada ao embelezamento e a acompanhar a performance masculina como observadoras, em que “[...] A mulher determina-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro.” (BEAUVOIR, 1949, p. 12).

Entretanto, apesar desse jornal, elaborado por homens, reproduzir representações que distanciavam a mulher da prática do futebol, aparentemente, elas não estavam ausentes, pois, em 1965, existiu a necessidade de uma proibição mais específica e enérgica, a deliberação nº 7 do Conselho Nacional de Desporto (CND). Esta deliberação acrescenta elementos ao Art. 54 do Decreto-Lei nº 3199 e regulamenta as práticas esportivas às mulheres, a qual apresenta no parágrafo II a seguinte interdição: “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo-aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre as representações veiculadas no Jornal das Moças possibilitou a percepção de desigualdades nos papéis sociais do período analisado, no qual o patriarcado da época impôs às mulheres um afastamento do meio futebolístico, por legislação, bem como por conselhos, dicas e evangelhos emitidos por jornais destinados ao público feminino, como o Jornal das Moças.

A prática do futebol pelas mulheres foi impactada com a instauração do Decreto-Lei 3.199 de 14 de abril de 1941, a qual estava envolvida por discursos higienistas, religiosos, médicos e os valores conservadores que norteavam a sociedade da época. Com evidências encontradas no Jornal das Moças, constatou-se que tais discursos estavam presentes na imprensa brasileira. Essas esferas normativas contribuíram para o afastamento das mulheres dos esportes futebolísticos, indicando que se aproximassem de práticas que não afetassem seus órgãos reprodutores e sua feminilidade, pois seu papel social era a procriação.

Contudo, embora a prática do futebol estivesse proibida, as mulheres se faziam presentes como espectadoras, desempenhando um papel secundário. Muito se era aludido de forma sutil, trazendo o objetivo da mensagem em suas entrelinhas. Como por exemplo, conselhos e dicas em uma seção denominada Evangelho, ou seja, a revista apresentava reportagens que normalizavam comportamentos, em forma de mandamentos femininos.

Por fim, cabe destacar o pouco número de fontes históricas sobre futebol e mulheres no período demarcado. Possivelmente, isso também esteja relacionado ao afastamento culturalmente estabelecido no período. Apesar desse limitador, consideramos que as fontes identificadas neste estudo permitiram ampliar a compreensão acerca da trajetória das mulheres no contexto sociocultural do século XX, sua relação com as práticas corporais e a construção histórica do futebol.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBINO, Beatriz Staimbach. Os cuidados com o corpo e o ser mulher na capital de Santa Catarina: sobre a "página feminina" do jornal "dia e noite" (1936-1941). In: VAZ, Alexandre Fernandez; BOMBASSARO, Ticiane (Org.). **Fragmentos para uma história da educação do corpo em Santa Catarina**. Florianópolis, SC: Dioesc, 2012.

ALMEIDA, Nukácia Meyre Araújo de. **Jornal das Moças: leitura, civilidade e educação femininas (1932-1945)**. 2008. 261f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2008.

BARROS, José D'assunção. A fonte histórica e seu lugar de produção. **Caderno de pesquisa do Cdhis**, Uberlândia, MG, v. 2, n. 25, p.407-429, dez., 2012.

BONADIO, Maria Claudia. **Moda: costurando mulher e espaço público: estudo sobre a sociabilidade feminina na cidade de São Paulo 1913 - 1929**. 2000. 184f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000.

BRASIL. LEI Nº 3.071, DE 1º DE JANEIRO DE 1916. Código Civil dos Estados Unidos do Brasil. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 5 jan. 1916. Seção 1, p.133.

BRASIL. Decreto-Lei Nº 3199, DE 14 DE ABRIL DE 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. **Diário Oficial da União**. Poder Executivo, Brasília, DF, 18 abr. 1941, p. 7652.

BRASIL. Deliberação Nº7, DE 7 DE AGOSTO DE 1965. O Conselho Nacional de Desportos no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo disposto nos artigos 1º e 3º do Decreto-Lei n 3199. **Conselho Nacional de Desportos**. Poder Legislativo. Brasília, DF, 2 set. 1965, Seção 2, p.8984.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira Participações S.a, 1949.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUITONI, Dulcília. **Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Summus, 2009.

COELHO, Renata. **A evolução jurídica da cidadania da mulher brasileira: breves notas para marcar o dia 24 de fevereiro, quando publicado o código eleitoral de 1932 e os 90 anos do voto precursor de Celina Viana**. 2017. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/pgr/documentos/Evoluojuridicadacidaniadamulherbrasileira_RenataCoelho.pdf> Acesso em: 15 jan. 2019.

COSTA, Victor. Sketches, **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 9/02/1939, ed. 01234, p. 32.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

EVANGELHO, **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 23/02/50, ed. 01810, p.63.

EVANGELHO, **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 18/06/1959, ed. 02296, p.20.



EXPEDIENTE EMPRESA JORNAL DAS MOÇAS, **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 4/01/1940, ed. 01281, p.4.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista brasileira de história**, v. 25, n. 50, p. 315-328, dez., 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, jun., 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Cláudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP**, v. 117, n. 1, p. 31-38, abr. 2018.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2010.

JANOTTI, Maria de Lourdes. O livro *Fontes Históricas* como fonte. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MATOS, Cláudia Neiva de. Gêneros na Canção Popular: os casos do samba e do samba canção. **Artcultura**, v. 15, n. 27, p. 121-132, dez., 2013.

MAZO, Janice Zarpellon; SILVA, Carolina Fernandes da; LYRA, Vanessa Bellani. As mulheres no cenário do associativismo esportivo em porto alegre/rs na transição do século XIX para o XX: alternativas de sociabilidade e lazer para elas. **Licere**, v. 13, n. 3, p. 1-25, set., 2010.

MENDES, Bárbara Gonçalves; SILVA JUNIOR, José Aelson da; ANJOS, Luiza Aguiar dos. Futebol, gênero e sexualidades. In: SILVA, Silvio Ricardo da; CORDEIRO, Leandro Batista; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira (Orgs.). **O ensino do futebol**: para além da bola rolando. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016..

MOÇAS DE HOJE, **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 9/07/1931, ed. 00838, p. 39.

NA CIDADE, NO CAMPO, COMO NA PRAIA..., **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 25/01/1934, ed. 00971, p. 18.

PARA NOIVAS E ESPOSAS, **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 31/10/1997, ed. 2211, p.12.

PESAVENTO, S. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008.

PISANI, Mariane da Silva. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo. **Ponto Urbe**, [s.l.], n. 14, p. 1-10, ago., 2014.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

PRÓ-TV (Org.). **Biografias**: Fada Santoro. 1995. Disponível em: <<http://www.museudatv.com.br/biografia/fada-santoro>>. Acesso em: 24 maio 2019.



RICOUER, Paul. **História e verdade**. São Paulo: Forense, 1968.

SANTOS, Rafael José dos. Globalização e americanidade: o caso da publicidade no Brasil dos anos 30. **Revista USP**, v. 33, n. 1, p. 44-55, fev., 1997.

SPAVIÈR, Aracy M. Você e seu lar. **Jornal das Moças**. Rio de Janeiro, 7/01/1960, ed. 02325, p.14.

SUSY, **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 30/08/1951, ed. 01889, p. 9

TELE-FATOS, **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 21/12/1959, ed. 02323, p. 48

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TROÇAS & TRAÇOS, **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 4/09/1952, ed.01942, p. 8.

Dados do autor:

Email: alice.19freitas@gmail.com

Endereço: Rua Servidão Antônio Cordeiro, 66, Cacupé, Florianópolis, SC, CEP 88050-008, Brasil.

Recebido em: 31/05/2019

Aprovado em: 16/07/2019

Como citar este artigo:

FREITAS, Alice Francisco e colaboradores. O futebol no jornal das moças: as aproximações e os distanciamentos das mulheres. **Corpoconsciência**, v. 23, n. 02, p. 63-74, mai./ ago., 2019.